

Isabel Vaz Ponce de Leão

O essencial sobre

MIGUEL TORGA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

É em S. Martinho de Anta, no distrito de Vila Real, que nasce, a 12 de Agosto de 1907, Adolfo Correia Rocha. Esta pequena vila transmontana, a que regressa sempre que a necessidade de retemperar forças se faz sentir, permanecerá o seu *axis mundi*, corroborando-o as incessantes referências, ao longo da sua obra, àquela terra que «não é um lugar onde, mas um lugar de onde...».

Os pais, camponeses pobres, marcaram-no decisivamente, sendo multímodas as referências que lhes faz n' *A Criação do Mundo* e no *Diário*. No pai, Francisco Correia Rocha, admira a tenacidade, a grandeza de carácter, o sentido de justiça e aquele amor à terra que é sua marca distintiva. Com a mãe, Maria da Conceição Barros, mantém uma relação de afecto e cumplicidade, documentada nas obras supracitadas e, muito particularmente, num poema que lhe dedica aquando da sua morte, em 1948, inserto no *Diário IV*.

Dos dois irmãos que teve, José emigrou para o Brasil, onde ficou; já Maria se converteu numa espécie de matriarca, assumindo, na aldeia natal, a liderança da casa de lavoura, depois da morte dos pais. Com ela manteve o poeta uma relação de estreita cumplicidade, porventura porque «tudo nela era, [...] ligação à terra, às tradições, às origens».

Depois de fazer a instrução primária na escola de S. Martinho de Anta, vai para o Porto, durante um ano, como criado de servir, tendo, depois, o mesmo destino de todas as crianças menos abonadas da região — o Seminário de Lamego. Aí ingressa, em 1918, ficando apenas um ano. Resulta dessa estada um profundo conhecimento dos textos bíblicos que os títulos das suas obras *A Criação do Mundo* ou *O Outro Livro de Job*, entre outros, denunciam.

Mas a falta de vocação sacerdotal era manifesta. É assim que, aos 13 anos, em 1920, parte para o Brasil, onde trabalha durante cinco anos na fazenda do tio, no estado de Minas Gerais. Este, que ganhou a vida com grande tenacidade e não menor abnegação, também não o poupa a sacrifícios e, desde capinar café até laçar cobras venenosas ou fazer a escrita da fazenda, tudo decorre a seu cargo.

Esta estada no Brasil proporciona-lhe experiências de vida merecedoras de sistemáticas alusões ao longo da

obra. Aí frequenta, em 1924, o Ginásio Leopoldinense e, em 1925, regressa a Portugal, onde vai continuar os estudos, pagos pelo tio como recompensa dos cinco anos de trabalho na Fazenda de Santa Cruz.

Conclui o curso dos liceus em três anos e matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, que frequenta entre 1928 e 1933, habitando uma república de estudantes — Estrela do Norte —, onde desenvolveu amizades que se perpetuaram.

Em 1928 publica a sua primeira obra em verso, *Ansiiedade*, que acaba por retirar do mercado e, entre 1929 e 1930, é chamado a colaborar na revista *presença*, dirigida por José Régio, João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca. A passagem por esta revista, ainda que breve, foi determinante na sua formação literária, propiciando-lhe o contacto com a obra de escritores estrangeiros e despertando-lhe o fascínio pela 7.^a Arte, se bem que a sua independência e o seu antiacademismo o fizessem rapidamente dela dissidir.

Lança-se, então, com Branquinho da Fonseca, na aventura efémera da revista *Sinal* (um número único), de marcadas influências presencistas, e recomeça a sua publicação individual: *Rampa* (1930), ainda sob a chancela da «Presença» e, em edições de autor, *Pão Ázimo* (1931), *Tributo* (1931) e *Abismo* (1932).

Terminado o curso de Medicina, Adolfo Rocha regressa a S. Martinho e exerce, depois, como clínico geral, em Vila Nova de Miranda do Corvo.

Em 1934 publica, já com o pseudónimo Miguel Torga, *A Terceira Voz*. Miguel, como Cervantes e Unamuno, duas referências da cultura ibérica; Torga, como a urze resistente da sua terra transmontana.

O Outro Livro de Job vê a luz em 1936, ano em que, juntamente com Albano Nogueira, funda a revista *Manifesto*, onde colaboram, entre outros, Vitorino Nemésio, António Madeira, Joaquim Namorado e Fernando Lopes Graça, e que se afasta já do esteticismo individualista da *presença*, apontando para uma reflexão sobre o papel dos intelectuais e artistas na sociedade. A publicação termina por problemas com a Censura, sendo o seu último número (o quinto) constituído apenas por textos de Miguel Torga.

Entretanto, em 1937, saem *O Primeiro Dia* e *O Segundo Dia* d'A Criação do Mundo e, em 1938, *O Terceiro Dia*.

Termina, em Coimbra, a especialidade em otorrinolaringologia e começa as suas viagens — por enquanto só pela Europa —, que nunca mais deixaria de fazer, como se estas fossem mais do que um complemento na sua formação de homem e poeta observador da realidade.

Corre o ano de 1939, e fixa residência em Leiria, onde exerce a sua profissão. Não perde, todavia, o contacto com Coimbra, onde se desloca todos os fins-de-semana. Assim, colabora na *Revista de Portugal*, dirigida pelo seu amigo Vitorino Nemésio, em casa de quem conhece a belga Andrée Crabbé, uma ex-aluna do poeta açoriano que se encontrava a frequentar o curso de férias na Universidade de Coimbra, mais tarde, sua mulher.

É o tempo da Guerra Civil de Espanha e o poeta vive-o amargamente; nela se jogavam ideais geracionais por ele também acalentados; por isso são recorrentes as referências a este triste episódio da humanidade em várias das suas publicações — *A Criação do Mundo, Diário, Novos Contos da Montanha, Poemas Ibéricos...* É por esta altura que publica *O Quarto Dia d'A Criação do Mundo*, onde verte amargas reflexões sobre essa guerra fratricida. O livro é apreendido e Miguel Torga preso no Aljube. A sua detenção é acompanhada pela solidariedade dos seus amigos leirienses. Aí compõe, em 1940, «Ariane», o seu poema mais belo de intervenção e resistência:

Ariane é um navio.

Tem mastros, velas, e bandeira à proa;

E chegou num dia branco, frio,

A este rio Tejo de Lisboa.

*Carregado de sonhos, fundeou
Ali onde os meus olhos vão
Agora vê-lo — o cisne que chegou,
Ali onde pedia o coração.
Duas fragatas foram ver quem era
Um tal milagre assim; era um navio
Que se balança ali à minha espera
Entre gaivotas que se dão no rio.
Mas eu é que não pude ainda por meus passos
Sair desta prisão em corpo inteiro
E levantar a amarra e cair nos braços
De Ariane, o veleiro.*

Posto em liberdade nesse mesmo ano, casa com André Crabbé, publica os contos *Bichos* e fixa residência em Coimbra, numa modesta casa sita à Estrada da Beira, onde são frequentes as tertúlias com intelectuais como Eugénio de Andrade, Ruben A. e Ribeiro Couto. As suas impressões desta cidade, com a qual sempre foi exigente, encontram-se plasmadas ao longo de toda a obra e, particularmente, no volume *Portugal* (1950).

Aberto consultório no Largo da Portagem, 45, hoje sede de um banco, aí exerce a sua profissão — não só de otorrinolaringologista, mas, conforme as necessida-

des, de pediatria, ortopedista, psiquiatra... —, escreve e recebe amigos e intelectuais durante mais de cinquenta anos. Frio e austero, o seu local de trabalho possui uma janela com vista sobre a cidade e o Mondego, numa comunhão com o mundo. A ele se dirige, quotidianamente, utilizando os transportes colectivos, não sem antes aproveitar para entrar nas principais livrarias da Baixa. Não contrariando os hábitos geracionais, detém-se pelos cafés em tertúlias com amigos — primeiro na Central e, posteriormente, no Arcádia.

Um dos anos mais férteis da sua produção literária é 1941. Publica *Diário I*, o volume de teatro *Terra Firme, Mar* e a colectânea de contos *Montanha*. Desta, apreendida pela Censura, é feita uma edição em 1955 no Rio de Janeiro com o nome *Contos da Montanha*, que cautamente circula em Portugal. Neste mesmo ano profere, no Segundo Congresso Transmontano, a conferência «Um Reino Maravilhoso», posteriormente inserta em *Portugal*.

Continua a publicar, sempre em edições de autor, de aspecto austero e frio, por razões económicas mais dos leitores do que propriamente suas, seguindo-se *Rua* (1942), *Lamentação*, *Diário II* e *O Senhor Ventura* (1943), *Libertação* e *Novos Contos da Montanha* (1944), *Vindima* (1945), *Odes* e *Diário III* (1946).

BIBLIOGRAFIA SELECTIVA

- AA. VV., *Aqui, Neste Lugar e Nesta Hora* (Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga), Porto, Edições da Universidade Fernando Pessoa, 1994.
- , *Sou um Homem de Granito: Miguel Torga e Seu Compromisso* (Actas do Colóquio Internacional sobre Miguel Torga), Lisboa, Edições Salamandra, 1997.
- ARNAUT, António, *Estudos Torquianos*, Coimbra, Coimbra Editora, 1997.
- AUGUSTO, Armindo, *Miguel Torga: o Drama de Existir*, Chaves, Edições Tartaruga, 1997.
- CARRANCA, Carlos, *Torga, o Bicho Religioso*, Lisboa, Universitária Editora, 2000.
- Colóquio/Letras*, n.º 25, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.
- Colóquio/Letras*, n.º 43, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.
- Colóquio/Letras*, n.º 90, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

- Colóquio/Letras*, n.º 98 (homenagem a Miguel Torga), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- Colóquio/Letras*, n.º 135-136 (homenagem a Miguel Torga), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- FILHO, Linhares, *O Poético como Humanização em Miguel Torga*, Fortaleza, Casa José de Alencar/UFC, 1997.
- GONÇALVES, Fernão de Magalhães, *Ser e Ler Miguel Torga*, Lisboa, Vega, 1986.
- GRAÑA VILLAR, Bernardino, *El Sentimiento Cosmico en Miguel Torga*, Madrid, ed. de autor, 1961.
- LOPES, Teresa Rita, *Miguel Torga: Ofícios a um «Deus da Terra»*, Rio Tinto, Edições Asa, 1993.
- LOURENÇO, Eduardo, *O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*, Coimbra, Coimbra Editora, 1955.
- MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na Obra de Miguel Torga*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2000.
- PONCE DE LEÃO, Isabel Vaz, «A construção do *eu* na poesia do *Diário XVI* de Miguel Torga», in *Poesía Histórica y (Auto)Biográfica (1975-1999)*, Madrid, Visor Libros, 2000.
- ROCHA, Clara, *Máscaras de Narciso*, Coimbra, Almedina, 1992.
- , *Miguel Torga Fotobiografia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000.

COLECÇÃO ESSENCIAL

Últimas obras publicadas:

58. *Saúl Dias/Júlio*
por Isabel Vaz Ponce de Leão
 59. *Delfim Santos*
por Maria de Lourdes Sirgado Ganho
 60. *Fialho de Almeida*
por António Cândido Franco
 61. *Sampaio (Bruno)*
por Joaquim Domingues
 62. *O Cancioneiro Narrativo Tradicional*
por Carlos Nogueira
 63. *Martinho de Mendonça*
por Luís Manuel A. V. Bernardo
 64. *Oliveira Martins*
por Guilherme d'Oliveira Martins
 65. *Miguel Torga*
por Isabel Vaz Ponce de Leão
-
2. *Antero de Quental*
por Ana Maria Almeida Martins
(3.^a edição, revista e aumentada)
 9. *Fernando Pessoa*
por Maria José de Lencastre
(reimpressão da edição de 1985)